

Discurso, poder e subjetividade na sociedade do cansaço:
um estudo de tiras cômicas da série *Viver dói*,
de Fabiane Langona

Discourse, power and subjectivity in the society of tiredness:
a study of comic strips from the series *Living Hurts*,
by Fabiane Langona

 Thâmara Soares de Moura

 Patrícia Diógenes de Melo Brunet

 Francisco Vieira da Silva

Resumo: O estudo se propõe a analisar os discursos que circulam em tiras cômicas da série *Viver dói*, de Fabiane Langona, visando compreender o funcionamento das relações de poder e a construção da subjetividade na crítica empreendida acerca da sociedade do cansaço. Para tanto, toma como aporte investigativo as reflexões de Han (2015) acerca da sociedade do cansaço, os apontamentos de Foucault (1995; 2010) a respeito do enunciado, do discurso e do sujeito e as discussões de Ramos (2011) e Possenti (2010) sobre o gênero tira cômica e o humor como um prisma discursivo, respectivamente. As tiras

Thâmara Soares de Moura. Doutoranda em Letras; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); email: thamarasoares68@gmail.com

Patrícia Diógenes de Melo Brunet. Doutoranda em Letras; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); email: patricia.melo@ifpb.edu.br

Francisco Vieira da Silva. Doutor em Linguística; Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); email: francisco.vieiras@ufersa.edu.br



discursivizam subjetividades angustiadas, as quais são forjadas no âmbito de relações de poder inscritas no sistema neoliberal.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Sociedade do cansaço. Tiras cômicas.

Abstract: This study aims to analyze the discourses that circulate in comic strips of the series *Living Hurts*, by Fabiane Langona, in order to understand the operation of power relations and the construction of subjectivity in the criticism undertaken about the society of tiredness. For this, it takes as investigative support the reflections of Han (2015) about the society of tiredness, the notes of Foucault (1995; 2010) regarding the enunciate, the discourse and the subject, and the discussions of Ramos (2011) and Possenti (2010) about the comic strip genre and humor as a discursive prism, respectively. The strips discursivize anguished subjectivities, which are forged within power relations inscribed in the neoliberal system.

Keywords: Discourse. Subject. Society of tiredness. Comic strips.

Introdução

A sociedade do cansaço constitui, na perspectiva de Han (2015), um desdobramento de uma série de práticas, condutas, discursos e comportamentos que advém da exigência por produtividade, positividade e desempenho constantes. Como efeito, os sujeitos são objetivados como doentes do ponto de vista neuronal, tendo em vista a explosão de casos de depressão, ansiedade, *Burnout*, déficit de atenção, dentre outras doenças, as quais são provenientes do excesso de estímulos, informações, impulsos e exigências por autonomia, autoeficácia e autoexploração (HAN, 2015).

De acordo com esse pensador sul-coreano, o século XXI assiste ao desabrochar de um novo paradigma societário. Se, conforme postulavam as teorizações foucaultianas, tínhamos o funcionamento de uma sociedade



disciplinar, ancorada em rígidos códigos de controle e proibição e no governo do corpo-máquina, hoje vivenciamos a sociedade do desempenho, cujo lema incide sobre a positividade, sobre a produção e o empresariamento de si mesmo. Assim, se outrora o foco alojava-se na proibição e no controle exterior, agora o sujeito é levado, por meio de uma psicopolítica (HAN, 2018a), a autogovernar-se e desenvolver mecanismos que o levem a sempre se superar e a apresentar uma performance digna de nota em diversos âmbitos da vida, a despeito dos limites, dificuldades e obstáculos.

Como corolário, tem-se a produção de sujeitos exaustos, cansados e esgotados da rotina 24/7, do nunca desligar-se (CRARY, 2016). Segundo esse autor, a expressão 24/7 “[...] evoca um esquema arbitrário e inflexível de uma semana de duração, esvaziado de quaisquer desdobramentos de experiências, cumulativas ou não” (CRARY, 2016, p. 18).

Para tanto, alguns dados estatísticos mais atualizados podem corroborar tais apontamentos acerca do cansaço nosso de cada dia. De acordo com o Relatório Mundial de Saúde Mental, divulgado pela Organização Mundial, houve um aumento espantoso no índice de transtornos mentais como ansiedade e depressão. Estima-se que, entre 2021 e 2022, a elevação dos transtornos antes mencionados foi de 25% e afetou mais de 129 milhões em todo o globo (R7, 2022). Na América Latina, o Brasil se destaca como o país em que mais prevalecem casos de depressão. Conforme a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), esse mal constitui o principal fator de incapacidade em todo o mundo (BRASIL, 2022). Já a Síndrome de *Burnout*, também conhecida como esgotamento mental, resultante de tarefas laborais exaustivas, prejudica cada vez mais sujeitos ao redor do mundo. Dados de uma pesquisa empreendida pela *International Stress Management Association* (ISMA-BR) revelou que 32% da população economicamente ativa sofre desse problema (BERNARDO, 2022).



Considerando o quadro social e histórico em voga, mais especificamente, as condições de emergência da sociedade do cansaço, buscamos analisar como o humor discursiviza tais questões, por compreendermos, na perspectiva de Vargas (2017), que aquele tende a desestabilizar o que se entende como normal ou natural. Ao fazer isso, o humor constitui uma estratégia frutuosa para “[...] contestar ou a demonstrar o fluxo instável da vida e da sociedade, desmascarando-a da carga simbólica da rotina” (VARGAS, 2017, p. 182). O humor nos auxilia, nesse sentido, a empreender uma espécie de diagnóstico do presente (FOUCAULT, 2008a), buscando, sobretudo, responder ao questionamento foucaultiano sob a herança nietzschiana, a saber: quem somos nós hoje? Isso implica rastrear o que estamos deixando de ser, ou seja, o devir a partir do qual enunciamos. Em entrevista a Navarro e Sargentini (2022), Maria do Rosário Gregolin (2022, p. 31) assim comenta essa discussão foucaultiana: “[...] é necessário, como diz Foucault, nos perguntarmos sobre quem somos nós para abrir a possibilidade de sermos outros, de sermos diferentes daquilo que tornamos”.

De maneira mais específica, elegemos como objeto de estudo neste artigo quatro tiras cômicas integrantes da série *Viver Dói*, de autoria de Fabiane Langona, artista visual, quadrinista e cartunista cujos desenhos são publicados em diferentes veículos jornalísticos, como os jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* e a revista *Piauí*¹. A série aludida também é publicada no perfil da artista no *Instagram* (@fabiane_langona)².

1. Fabiane Langona é formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Começou a carreira no campo das artes na revista *Mad*. A partir de 2005, passou a publicar sua obra no *Jornal do Brasil* e, em seguida, foi contratada pela *Folha de S. Paulo* e até hoje publica as tiras regularmente nesse veículo de imprensa (CASTELIONE, 2020). Importa ainda registrar que até 2017 a artista assinava seu trabalho sob o pseudônimo de Chiquinha.

2. As tiras foram publicadas nos anos de 2021 e 2022.



O objetivo deste trabalho consiste em analisar os discursos que circulam nessas tiras cômicas, visando compreender o funcionamento das relações de poder e a construção da subjetividade na crítica empreendida acerca da sociedade do cansaço. Como aporte teórico, buscamos amparo em Han (2015), quando pondera sobre a questão do desempenho e do cansaço, em Foucault (1995; 2008b; 2010) acerca do discurso, do poder e da subjetividade. Ademais, mobilizamos algumas reflexões desenvolvidas por Ramos (2011) e Possenti (2010), sobre as características do gênero tira cômica e do humor como um campo discursivo, respectivamente.

Sobre a organização do artigo, vale frisar que se encontra estruturado em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. No tópico que segue, faremos um breve apanhado das teorizações foucaultianas que nos interessa para as análises, assim como alguns apontamentos sobre o humor e a sociedade do cansaço. Posteriormente, analisamos as tiras de Langona, com base nos pressupostos teóricos constantes na seção precedente.

Notas teóricas

Michel Foucault (1926-1984) foi um autor que investigou diferentes temáticas e objetivos, passeando, assim, por múltiplos campos epistemológicos, de modo a burlar as fronteiras disciplinares de áreas como a Filosofia, a História, a Psicologia, o Direito, a Economia, as Ciências Sociais e a Linguística, dentre outras. Dada essa diversidade de abordagens, usualmente divide-se a obra do autor em três domínios, a saber: a) arqueologia do saber – o pensador francês buscou examinar os diferentes saberes que embasam a emergência do sujeito como



objeto de estudo das Ciências Humanas; b) genealogia do poder – nesse domínio, inscreve-se a problematização das relações de poder que classificam, escandem e normalizam o sujeito; c) Ética e Estética da existência – a partir de domínios como a sexualidade, o foco incide sobre os processos por meio dos quais o sujeito é levado a se subjetivar e a se reconhecer como um sujeito do desejo, mobilizando estratégias de governo de si e do outro.

Podemos observar que o conceito a interligar essas fases do pensamento foucaultiano refere-se ao sujeito, conforme o autor defende em seus últimos escritos. Segundo Foucault (1995), o objetivo principal de sua trajetória intelectual consistiu em elaborar uma genealogia do sujeito moderno, de maneira a escrutinar as diferentes tecnologias que possibilitam os processos de subjetivação, no decorrer de diferentes temporalidades.

Nesse artigo, importa-nos considerar algumas noções que, em maior ou menor grau, permeiam os três domínios anteriormente mostrados, porque nos valem de uma perspectiva arqueogenealógica, na medida em que pensamos que há uma indissociabilidade entre o saber, o discurso, o poder e a constituição das subjetividades.

Seguindo neste caminho, começamos com o conceito de discurso. Conforme nos lembra Foucault (2010), trata-se de uma noção que constrói os objetos de que fala e se compõe de enunciados provenientes de uma mesma formação discursiva. Marcado pela história, o discurso emerge por meio de condições de possibilidade, ou seja, surge num tempo e num lugar específicos, numa conjunção de saberes que o singulariza como um acontecimento.

Sendo o discurso composto por enunciados, é importante ver mais de perto este último. Trata-se, de acordo com Foucault (2010), da unidade mínima de análise, do átomo do discurso, de uma função a cruzar



variados domínios e fornecer condições de existência para os signos. Nas palavras do autor: “[...] Ele [o enunciado] não é um sintagma, nem regra de construção, nem forma canônica de sucessão e de permutação, mas sim o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e essas formas se atualizem” (FOUCAULT, 2010, p. 104).

As seguintes propriedades integram a natureza do enunciado: a) o referencial – corresponde às leis de possibilidade que fazem emergir um dado enunciado e forma “[...] o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação, do estado de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT, 2010, p. 108); b) posição de sujeito – diz respeito à posição que se assume no enunciado e que não se confunde com o autor da formulação, com o sujeito gramatical ou ainda com o ser empírico responsável pela produção do enunciado; c) domínio associado – está relacionado ao fato de o enunciado se conectar com outros já produzidos e outros ainda por dizer, supondo, assim, o funcionamento de uma memória; d) materialidade repetível – para existir, o enunciado carece de um suporte institucional, um lugar, uma data e/ou uma substância.

No horizonte teórico foucaultiano, pensar em discurso implica falar em poder, pois se trata de noções adjacentes. Para Foucault (1999), toda relação de poder preconiza efeitos de saber e o inverso é válido. Convém considerar sob esse prisma investigativo que o poder se distancia de outras perspectivas de análise, como o marxismo ou as teorias contratualistas.

Como consequência, tem-se uma visão de poder que o afasta do campo da repressão, da localização do poder num único ponto ou numa instituição, da posse do poder por um sujeito específico, mas se trata de uma microfísica do poder cuja principal tese é a seguinte: o



poder está disperso por todo o corpo social e não pode ser compreendido sob a ótica da negação, mas a partir da ideia de positividade. Noutros termos, o poder produz, incita comportamentos e ações e permite a possibilidade de recusa, de fugas e de resistências.

É justamente no interior dessas fugas, desse campo de respostas possíveis, de estratégias de resistência que podemos situar a agonística do sujeito na vertente de estudo foucaultiana. Para o autor, a concepção de sujeito por ele defendida se distancia frontalmente de um *cogito*, de um sujeito dono de si, consciente e transcendental. Ao recusar essa visão, o sujeito é concebido como uma noção continuamente histórica (FOUCAULT, 2002) e afetada pelas relações de saber e de poder e pelas variadas técnicas de si. Nisso alojam-se os processos de subjetivação, os quais levam o sujeito a prestar atenção em si mesmo, efetuando um trabalho sobre si, com vistas a aceder uma dada verdade e a buscar espaços de liberdade. Na leitura de Fonseca (2011), os estudos de Foucault buscam delinear os processos de objetivação e de subjetivação os quais concorrem para a construção do indivíduo em sujeito. Os primeiros dizem respeito às investigações levadas a cabo pelo pensador francês com o intuito de analisar como o poder disciplinar objetivou os indivíduos em úteis e dóceis; já os segundos englobam os copiosos mecanismos responsáveis por levar o sujeito a se constituir enquanto tal por meio de uma identidade.

Ainda de acordo com Fonseca (2011), a analítica foucaultiana ampara-se nas diferentes formas de racionalização que organizam domínios como a loucura, a delinquência e a sexualidade e, nesse sentido, engendram determinadas subjetividades. Em tais domínios, figuram relações de saber e poder e estratégias de resistência na produção de certas condutas. Embora Foucault tenha se detido em campos específicos, as suas teorizações nos possibilitam analisar outras estratégias



de produção do sujeito noutros tempos, como as que vivemos na contemporaneidade.

Para tanto, é importante recuperar alguns apontamentos feitos por Han (2015) em torno da sociedade do cansaço. Para esse autor, a sociedade do cansaço encontra-se congenitamente articulada com o imaginário neoliberal, uma vez que este incita o sujeito a estar sempre numa relação de concorrência com o outro, razão pela qual é preciso sentir-se livre para produzir mais e mais. Conforme Han (2015), no lugar da proibição, do mandamento e da lei, entram em cena o projeto, a iniciativa e a motivação. O autor exemplifica o *slogan* da campanha presidencial de Barack Obama: *Yes we can*. Nesse enunciado, flagra-se o efeito de protagonismo, de uma positividade a efetuar condutas proativas, subjetividades flexíveis e empreendedoras, num apelo à administração de si nos moldes empresariais e à livre iniciativa. Em suma: todos podem, basta querer!

Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo consiste numa racionalidade que permeia os diferentes setores da sociedade, não se restringindo, pois, a uma questão somente econômica e os impactos no campo subjetivo mostram-se cada vez mais robustos, principalmente porque se incrementa um *ethos* de avaliação constante e de um aprimoramento de si que não cessa, ocasionando, com isso, o cansaço e a depressão. Assim, a razão neoliberal impulsiona o sujeito “[...] a *trabalhar a si mesmo* com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre eficaz” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 333, grifo dos autores).

Segundo Cabanas e Illouz (2022), o neoliberalismo configura um novo estágio do capitalismo que se caracteriza pelos seguintes elementos: a) expansão indiscriminada da lógica econômica para todos os extratos culturais; b) mobilização de critérios técnico-científicos para



a promoção de políticas públicas; c) foco exacerbado em princípios utilitaristas de escolha e na individualização dos processos sociais; d) ampliação do cenário de instabilidade no mundo do trabalho, na competição e na ênfase em assumir riscos; e) instauração de um “[...] *ethos* terapêutico que situa tanto a saúde emocional como a necessidade de ‘realização pessoal’ no centro do progresso social e das intervenções sociais” (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 81, destaque dos autores). Tais exigências colaboram para um quadro propício para a ascensão de diferentes quadros psicopatológicos, de maneira a ocasionar uma eferescência de casos de sofrimento psíquico e formas de gestão desse sofrimento. Como pensa Cray (2016), nas últimas décadas, um número cada vez maior de tipologias de sofrimento foi criado e, junto com elas, mercados e produtos são inventados.

Ehrenberg (2010) já havia postulado, no final dos anos de 1980, a emergência de uma sociedade pautada no discurso da performance que tomava como ponto de referência características do campo do esporte de aventura e do empreendedorismo. Disso resulta o que Han (2015) chama de sociedade dopada, posição também partilhada por Ehrenberg (2010), quando assinala “[...] A obsessão de ganhar, de vencer, de ser alguém, e o consumo em massa de medicamentos psicotrópicos estão estreitamente ligados, pois uma nova cultura da conquista é, necessariamente, uma cultura da ansiedade, que é face de sombra dela” (EHRENBERG, 2010, p. 139). Para Han (2018a), essa cultura da performance, aliada ao imperativo da positividade, representa um desdobramento do neoliberalismo que, sob o discurso de liberdade, engendra novas coerções, agora não mais impostas pelos outros, senão produzidas pelo próprio sujeito, na forma da obrigação por desempenho e otimização.



No interior dessas condições históricas, podemos destacar como o discurso humorístico discursiviza o sujeito da sociedade do cansaço, cientes de que o humor, ao ser concebido como um campo discursivo, apresenta diversas formas de manifestação e cumpre múltiplas funções para além de provocar o riso, qual sejam: criticar, suscitar debates e reflexões, desafiar a ordem constituinte e encetar táticas de resistência. Conforme defende Eagleton (2020, p. 57), o humor “[...] surge do impacto entre aspectos incongruentes: uma súbita mudança de perspectiva, um deslize esperado do significado, uma atraente dissonância ou discrepância, uma desfamiliarização do familiar”.

Para ampliarmos um pouco mais o entendimento do humor enquanto um campo discursivo, revisitemos os aspectos arrolados por Possenti (2010): a) o humor emerge em virtude de regras específicas que provêm de campos múltiplos, a exemplo da literatura, do jornalismo, da política, do discurso científico; b) em razão de explorar temas heterogêneos e sensíveis, pode sofrer ações de silenciamento e de interdição; c) abrange uma série de gêneros, como a piada, o cartum, a caricatura, a charge, a tira, dentre outros; d) conversa com outros gêneros que integram determinado suporte, como o jornal, a revista, as redes sociais.

Em relação à tira cômica, objeto de estudo deste escrito, tomamos como referência as abordagens de Ramos (2011), para quem o gênero apresenta as seguintes características: a) apresenta formato fixo e padronizado; b) o formato normalmente é horizontal e contém entre uma e quatro vinhetas (no caso de *Viver Dói*, não há mais que duas vinhetas/quadros); c) mormente as imagens são desenhadas; d) os personagens podem ser fixos ou não (nas tiras analisadas, uma personagem feminina aparece em todas); e) é preponderante a presença de diálogos (a personagem de Langona conversa consigo mesma); f)

a narrativa criada por ter continuidade temática em outras tiras (isso ocorre nas tiras de Langona, especialmente no que toca a questões relacionadas às subjetividades tidas como cansadas e outras problemáticas como o machismo e a violência contra a mulher).

Rindo de cansado/a: análise discursiva de tiras cômicas de Fabiane Langona

Na presente seção, analisamos quatro tiras cômicas da série *Viver Dói*, de Fabiane Langona. A regularidade discursiva que as interliga deixa entrever a construção de discursos sobre a sociedade do cansaço, especificamente em relação à hiperconexão digital, a exigência por positividade, a ansiedade, dentre outras temáticas com semelhante conotação. Vejamos a primeira tira.

Figura 1: Tira da série *Viver Dói*



Fonte: Folha de S. Paulo, 2022

Na materialidade da tira antes expressa, a posição sujeito da personagem se encontra em apuros, quando reflete acerca do uso da ferramenta de acelerar as mensagens de áudio em dispositivos de envio de



mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*³. No primeiro quadro, esta mostra-se sorridente por lançar mão dessa ferramenta e, assim, ganhar tempo nas interações travadas por tais dispositivos. Os enunciados verbo-visuais, por sua vez, ilustram isso: o desenho da mensagem de áudio com a velocidade máxima e a onomatopeia “blábláblá”, representativa de um contato que pode ser desinteressante, acrescido do comentário “kkk, sim... a ferramenta de acelerar áudios, uso demais...” (FOLHA DE S. PAULO, 2022, s.p.). A noção de ‘ganhar’ tempo nos remete à conhecida expressão *Time is Money* proferida por Benjamin Franklin, em 1748, no ensaio *Advice to a Young Tradesman (Conselhos a um jovem comerciante)*, a partir da qual constata-se a quantificação da utilidade do recurso tempo como algo que não pode ser desperdiçado, devendo gerar valor continuamente, ao passo que o comportamento contrário seria algo reprovável e prejudicial ao indivíduo e ao sistema.

No segundo quadrinho, em contrapartida, a posição que enuncia se sente incomodada em pensar que os seus contatos nas redes sociais podem fazer o mesmo: acelerar o áudio e, com isso, construir uma percepção de que a comunicação poderia ser mais sucinta ou mesmo que a informação não se mostra tão importante. Há de se levar em conta também que a velocidade acelerada descaracteriza a identidade da voz do sujeito enunciator da mensagem, razão pela qual a personagem pode se sentir ainda mais aflita. Outros recursos específicos da oralidade também são afetados, como pausas, hesitações, repetições, tidas, sob esse prisma, como desnecessárias. Por esse motivo, o sujeito-personagem enfatiza nos seguintes enunciados: “Mas fico levemente chateada quando penso que ela também é usada para acelerar os meus”.

3. Vale citar que essa ferramenta também é utilizada para agilizar a velocidade de filmes e séries, disponíveis em diversos serviços de *streaming*. Especificamente, no caso do *WhatsApp*, o recurso foi lançado em maio de 2021.



As cenas dissonantes nos dois quadros da tira, expressas imagetica-mente pela brusca mudança na fisionomia da personagem que enun-cia, discursivizam uma espécie de conflito do sujeito da sociedade do desempenho, pois este é instado a otimizar o tempo, manejando estrat-égias com vistas a torná-lo mais útil e produtivo, mas, por outro lado, é levado a refletir, por meio de um trabalho de si para si, sobre como isso tudo automatiza as relações interpessoais, numa conjuntura na qual a escuta do outro é vista como algo a ser economizado. Noutros termos, a lógica do mercado invade o terreno das relações pessoais e as inscreve numa temporalidade do capital e da produção.

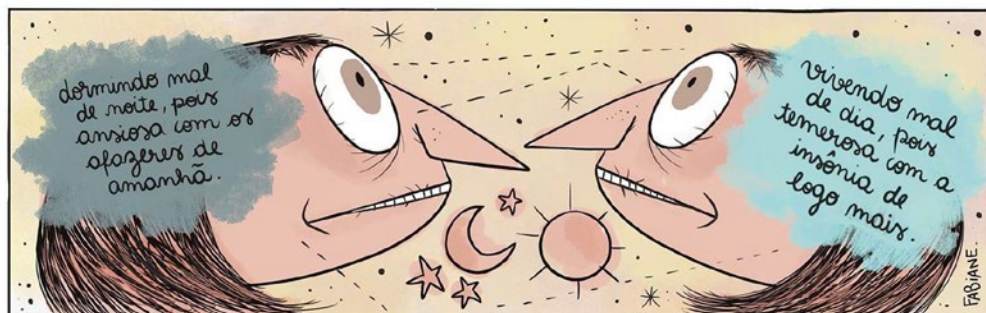
Ao pensar tal questão, é preciso citar também, partindo de Sibilia e Galindo (2021), que essa ferramenta de aceleração no consumo de conteúdos nas diversas mídias suscitam um esgotamento psicológico, um estado constante de ansiedades e tensão, pois exigem do sujeito uma atenção redobrada para o processamento rápido e articulado a outras (multi)tarefas. Sobre isso, Giglioti (2021, s.p.) indaga: “Como se não bastasse a exaustão mental a que nossa sociedade está submetida, qual o espaço que o aplicativo [o *WhatsApp*] e seus recursos deixam para o ócio, para o respiro, para a pausa necessária na elaboração de um raciocínio?”⁴. Logo, a ferramenta constitui uma tática do regime neoliberal a ordenar as condutas dos usuários das tecnologias digitais sob a máxima da economia de tempo, assim como observamos no agir do sujeito-personagem em análise.

Han (2018b) analisa que a mídia digital toma o presente imedia-to como a temporalidade dominante e, com isso, “[...] as informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de inter-mediários [...] mediação e representação são interpretadas como não

4. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/acelerador-de-voz-whatsapp-dificuldade-de-escutar/>. Acesso em: 25 dez. 2022.

transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação” (HAN, 2018b, p. 35). Dessa forma, a posição a enunciar na tira, ao tomar como referencial a emergência do acelerador de áudio e os impactos nos modos de sociabilidade contemporâneos, insere-se num lugar de crítica, porque discursiviza as contradições resultantes e os desconfortos gerados, haja vista a construção de subjetividades ansiosas e angustiadas. Na próxima tira, manifesta-se a complexificação desses conflitos.

Figura 2: Tira da série *Viver Dói*



Fonte: Folha de S. Paulo, 2022

A duplicidade do rosto da personagem acompanhada de imagens representativas do sol, da lua e das estrelas, que simbolizam o dia e a noite, respectivamente, deixa entrever os conflitos vivenciados por ela em relação a um quadro de ansiedade que não dá trégua. Uma vez que não dorme, em virtude das preocupações com as atividades a serem realizadas durante o dia, a personagem se angustia no período diurno por prever a insônia que virá em seguida. Nesse círculo vicioso, o sujeito sente os efeitos de um cansaço que não cessa.

Na composição enunciativa da tira, é preciso denotar que há uma sutil diferença na coloração dos balões que representam os turnos



diurnos e noturnos, os quais, ao fazerem referência ao céu, constituem-se como estratégias discursivas que, juntamente com as representações imagéticas do sol e da lua, corroboram os efeitos de sentido de temporalidade vivenciada na tira. Nesse sentido, o primeiro balão encontra-se numa tonalidade de azul mais escura e opaca, uma vez que representa a noite, período caracterizado pela escuridão. Enquanto isso, no segundo, que, por sua vez, representa o dia/luz, o balão é posto em um tom mais claro, vívido, desse mesmo azul.

Como ponto de articulação entre os dois fenômenos temporais, denotamos a presença, na materialidade imagética, de linhas pontilhadas interligando os rostos da personagem. Este, por seu turno, faz emergir efeitos de que retomam um movimento contínuo, os quais podem ser aproximados à rotação da terra. Neste, o giro em torno do seu próprio eixo, tendo o sol e a lua como elementos adjacentes, é responsável pela existência do dia e da noite, uma vez que há a distribuição menor ou maior dos raios solares a depender da posição em que o planeta se encontra.

Além do mais, compreendemos, também, que a replicação do rosto constitui outra estratégia discursiva a denotar a permanência do estado psíquico de sofrimento no emaranhamento do hoje com o amanhã. Quer dizer, seja dia, seja noite, a preocupação prevalece, sendo justamente esse trabalho de Sísifo⁵ contemporâneo o gatilho responsável por gerar o humor na tira. Seguindo esse entendimento, as palavras de Crary (2016, p. 23) mostram-se apropriadas: “No paradigma neoliberal globalista, dormir, é acima de tudo, para os fracos”. Por conseguinte, o forte seria o *homo oeconomicus*, o qual está sempre se aprimorando, em todos os aspectos de sua vida para gerar riquezas. Segundo Foucault (2008b), tal paradigma adota o modelo investimen-

5. Na mitologia grega, Sísifo, por ter enganado a morte, foi castigado a executar um trabalho diário e extenuante.



to-custo-lucro, como um molde para as relações do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo e com a família.

Conforme pondera Han (2015), na sociedade do cansaço, o estado de esgotamento mental resulta de uma conjuntura global pobre em negatividade e abundante em positividade. Tal como o sujeito-personagem da tira de Langona, o sofrimento é gerado do excesso de estímulos positivos para produzir sempre mais e, ao falhar nesse empreendimento, prevalece a sensação de fracasso. Os enunciados “Dormindo mal de noite, pois ansiosa com os afazeres de amanhã. Vivendo mal de dia, pois temerosa com a insônia de logo mais” (FOLHA DE S. PAULO, 2022, s.p.) confirmam esse ciclo de ansiedade e esgotamento psicológico gerado pelo fracasso por não conseguir atingir uma meta capitalista de produção inatingível. Segundo pontuam Dardot e Laval (2016), essa autocobrança advém da exigência neoliberal de criar situações de concorrência que visam privilegiar os mais “aptos” e os mais fortes e a adaptar os indivíduos à competição, considerada como matriz de todos os benefícios e aqueles que não possuírem a habilidade de se adaptarem serão substituídos na dinâmica do mercado.

Comungando com as ideias de Han (2015), é possível pensar que a tira reflete e refrata os valores hodiernos: no lugar de questionar os valores do sistema neoliberal, o sujeito tende a culpar a si mesmo, pois lhe é ensinado que somente o esforço individual garante o êxito, porquanto a responsabilidade compete somente a ele. Na trama da produção capitalista, a atuação do psicopoder (HAN, 2018b) mostra-se prodigiosa porque o sujeito acaba sendo controlado, vigiado e influenciado não somente de fora, mas também dentro de si, dos pensamentos e comportamentos na construção de sua subjetividade, na relação estabelecida consigo mesmo. Na tira a seguir, o sujeito mostra-se mais

uma vez dividido entre inúmeras tarefas a serem feitas e a dificuldade em tirar um tempo para descansar.

Figura 3: Tira da série *Viver Dói*



Fonte: Folha de S. Paulo, 2022

Prostada, de barriga para cima e com os joelhos levantados, o sujeito-personagem da série *Viver Dói* mostra-se tristonha num tempo supostamente dedicado a descansar. Para expressar o que sente, na materialidade discursiva da tira, denota, em pequenos balões com escritos na cor lilás, as possíveis atividades a serem realizadas pelo sujeito enunciativo. Observamos que são várias e envolvem o cuidado consigo (realizar exames médicos), o cuidado com o outro (visitar a tia-avó, ligar para a mãe e ajudar a amiga, “cortar a unha dos gatos”), voltar-se para as atividades laborais (“adiantar o trabalho”, cozinhar e cuidar da organização da casa – como “fazer um mousse” e “organizar a gaveta de roupas íntimas”) ou ainda retornar as diversas mensagens recebidas nas redes sociais (“responder a 67 pessoas que deixei no vácuo”) (FOLHA DE S. PAULO, 2022, s.p.).

Vejamus que, numa primeira leitura, a disposição desses balões nos leva a crer que o enunciado “Eu tenho 1 sonho” (FOLHA DE S. PAULO, 2022, s.p.) estaria se referindo a apenas uma das atividades descritas; todavia, ao concluirmos a leitura da tira, podemos constatar que, na



parte inferior do lado direito, aparece o enunciado “procrastinar sem culpa” (FOLHA DE S. PAULO, 2022, s.p.), grafado na mesma fonte da letra daquele com o qual iniciamos o percurso de leitura (visto que a lista de desejos está marcada com uma fonte menor, dando, consequentemente, menos destaque). Essa estratégia discursiva pode suscitar efeitos de sentido que encaminham o leitor a associar que o desejo da personagem consiste em não sentir culpa ao adiar as tarefas ou, por que não, *não* as fazer.

Chama ainda a atenção o uso do numeral (1 sonho), em substituição ao artigo indefinido (um sonho) no enunciado. Por meio dessa estratégia discursiva, somos levados a acompanhar o drama da personagem enquanto posição sujeito. Entendemos, na perspectiva foucaultiana, que tal reatualização do enunciado está em franca conexão com as condições de possibilidade que se abrem ao sujeito na sociedade do cansaço: ansiar por não fazer nada e, dada a pressão por desempenho, tal desejo se situa no campo do onírico e da fantasia.

No domínio associado, o enunciado em estudo se inscreve no esteio de uma memória e nos reporta ao *I have a dream* – famoso discurso do ativista estadunidense Martin Luther King, em 1963, a respeito da igualdade racial e a busca por justiça (RIBEIRO, 2019). O deslocamento desse enunciado, revestido de uma espessura histórica de luta coletiva, para uma preocupação unicamente individual elucida como a ênfase no sujeito caracteriza a formação histórica da racionalidade neoliberal e, como extensão, da sociedade do cansaço. Se outrora o sonho estava relacionado a uma reivindicação por direitos, o que supõe práticas solidárias e altruístas, hoje essa quimera encontra-se restrita ao domínio do indivíduo, preso a uma série de obrigações a ele impostas e, como corolário, angustiado com a culpa por não cumpri-las. Nesse diapasão, a razão neoliberal busca evitar esse conflito, e até mesmo

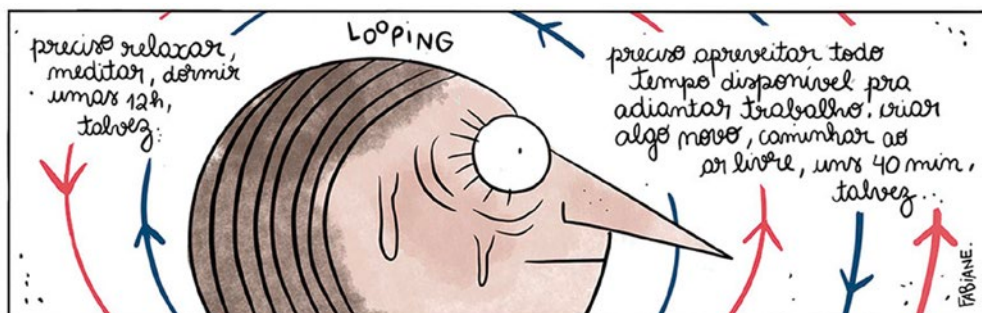


suspender a percepção acerca do adoecimento físico e mental, visto considerar que “[...] essas políticas devem chegar ao ponto de mudar a própria maneira como o homem concebe sua vida e seu destino a fim de evitar os sofrimentos morais e os conflitos inter ou intra individuais” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 90).

Pensando com Foucault (1995), o “procrastinar sem culpa” poderia se configurar como uma estratégia de resistência às técnicas de poder da sociedade do desempenho, porquanto se criaria espaços de liberdade, posições de recusa, desobediência e insurgência às relações de poder que buscam governar o corpo e as subjetividades no imperativo da produtividade.

Aliás, convém pontuar que a escolha feita pela posição de sujeito da tira a escolha do verbo procrastinar para encapsular todas as atividades que aparecem nos quadrinhos no entorno da personagem. Tal verbo mormente é empregado para se referir ao campo do trabalho, pois envolve tarefas envoltas sob o prisma da obrigação e não cumprimento, tende a ser considerado nocivo e põe em xeque a conduta do sujeito, tido como relapso, irresponsável, disfuncional e indisciplinado (CABAU, 2022). Mas, vejamos que, na tira, praticamente todas as atividades enumeradas não se encontram articuladas ao mundo do trabalho, senão a outras esferas da vida privada, o que evidencia como a racionalidade neoliberal modula, agencia a subjetividade na tônica do modelo empresarial e o sujeito que procrastina falha em seu processo de autogestão, na autorregulação do desempenho.

Na última tira selecionada para análise, a personagem de *Viver Dói* vê-se novamente dividida em como fazer do uso do tempo.

Figura 4: Tira da série *Viver Dói*

Fonte: Folha de S. Paulo, 2022.

Na materialidade imagética da tira, a posição sujeito da personagem é representada com olhos atônitos, ressaltados, com leve suor escorrendo pelo rosto, fatores que expressam o espanto, a tensão, o cansaço e a frustração em não conseguir se decidir (o advérbio *talvez* reforça isso) sobre o que fazer com o tempo “livre”. O efeito de *looping*, recorrente em fotografias publicadas nas redes sociais, assinala um mesmo movimento que se repete infinitamente e se manifesta no uso de setas nas cores vermelhas e azuis, as quais sugerem a intensificação dos efeitos de sentido do sofrimento constante da personagem.

Já na materialidade discursiva, o verbo *precisar* (“Preciso relaxar, meditar, dormir umas 12h, talvez...” *versus* “Preciso aproveitar todo tempo disponível para adiantar trabalho, criar algo novo, caminhar ao ar livre, uns 40 min, talvez...”) (FOLHA DE S. PAULO, 2022, s.p.) reveste-se de um efeito de obrigatoriedade para o sujeito, tornando-o ainda mais aflito, porquanto se subsiste a necessidade de relaxar, meditar e descansar, emerge a premência em ocupar o tempo com atividades laborais e, com isso, seguir o fluxo da sociedade do desempenho.

A tira ilustra o conflito vivido entre o ‘ligar’ e o ‘desligar’ apontado pelo autor. O humor (sutil) alicerça-se nessa indecisão da personagem em seu processo de autogoverno do tempo, regularidade presente em



outras tiras já analisadas aqui, constituindo, portanto, as verdades do regime neoliberal a produzirem, em virtude da pressão por alto rendimento e pela multiplicação dos mecanismos de captura (NEGRI, 2015), uma sensação de estafa generalizada. Como sustentam Alvarenga e Dias (2021, p. 10), um dos elementos presentes nessa condição psíquica “[...] é o incentivo e a cobrança da capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, um retorno a uma forma de viver em que ser multitarefas é sinal de competência técnica e profissional”. Por não conseguir se adaptar a esse ritmo, a personagem se cansa antes mesmo de iniciar as diferentes atividades exigidas.

Podemos entrever, nos discursos da tira, o fato de a subjetividade irromper no interior de condições sociais e históricas a postularem uma multiplicidade de operações a serem consecutivamente desenvolvidas, mesmo diante da exaustão física e mental. Tais subjetividades, portanto, refletem e refratam, as discursividades do cansaço provenientes das dinâmicas sociais dos tempos hodiernos.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, analisamos discursivamente quatro tiras da série *Viver Dói*, de Fabiane Langona, com o propósito de compreender o funcionamento das relações de poder e a construção da subjetividade na crítica empreendida à sociedade do cansaço (HAN, 2015).

Nas tiras, vimos que a posição de sujeito assumida, ao explorar as situações de sofrimento vivenciadas pela personagem, tece uma crítica aos modos por meio dos quais a sociedade do desempenho produz, de maneira incessante, subjetividades cansadas e esgotadas. Isso deve, sobremaneira, à pressão por produtividade e rendimento, à coloniza-

ção do tempo livre para o exercício de uma miríade de atividades laborais, ao estímulo à realização de uma série de tarefas (*multiasking*) como sinônimo de sucesso e prestígio e à condenação aos sujeitos que ousam desobedecer (o procrastinador), objetivados como indesejáveis e passíveis de algum tipo de sanção.

Dito isso, podemos concluir que o humor se mostra como uma arma capaz de encetar movimentos de resistência à ordem vigente, principalmente porque desnaturaliza os discursos correntes e denuncia os efeitos disso na produção da subjetividade na atualidade. Esse exercício de crítica torna-se cada dia mais urgente, pois, somente assim, será possível recriar outras subjetividades possíveis, para além daquelas preconizadas pelo imperativo do desempenho.

Referências

ALVARENGA, R.; DIAS, M. K. Epidemia de drogas psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço, *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 33, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dGQxFtnrJ4cdrwv-DzMnpwjc/?format=pdf&lang=pt>Acesso em: 24 dez. 2022.

BERNARDO, A. Burnout: problema é reconhecido pela OMS e faz cada vez mais vítimas. *Veja*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/burnout-e-reconhecido-pela-oms/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

BRASIL. Saúde Mental: na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão, *Ministério da Saúde*, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao>. Acesso em: 25 dez. 2022.

CABAU, P. Procrastinar experiência: o incumprimento como resistência, *Cadernos PAR*, [s. l.] n. 8, p. 11-25, 2022. Disponível em: <https://>

iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/7434/5/Revista%20PAR%20N%c2%ba8%20-%20Artigo%2001_Final_Doi.pdf

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia*: fabricando cidadãos felizes. Trad. Humberto do Amara. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CASTELIONI, F. R. P. *Viver dói*: contribuições dos quadrinhos de Chiquinha na formação do leitor responsivo. 121 f. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras (PRO-FLETRAS) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo: Vitória, 2020.

CRARY, J. *24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono*. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, Terry. *Humor*: o papel fundamental do riso na cultura. Trad. Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

EHRENBERG, A. *O culto da performance*: da aventura empreendedora à depressão nervosa. 2. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

FONSECA, M. A. *Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2011.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Carvalho e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos II*: Arqueologia das Ciências Humanas e história dos sistemas de pensamento. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*: curso dado no Collège de France: (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.



FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIGLIOTTI, A. O acelerador de voz do *WhatsApp* e a nossa dificuldade de escutar, *VejaRio*, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/acelerador-de-voz-whatsapp-dificuldade-de-escutar/>. Acesso em: 25 dez. 2022.

HAN, B. C. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, B. C. *No enxame: perspectivas do digital*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a.

HAN, B. C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018b.

MOSCATO, Marcelo. *Tempo é Dinheiro: como surgiu a frase e significado*. Como surgiu a frase e significado. 2022. Disponível em: <https://blog.alboompro.com/tempo-e-dinheiro/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

NAVARRO, P.; SARGENTINI, V. Por uma arqueogenealogia dos estudos discursivos foucaultianos no Brasil – cartografias: entrevista com Maria do Rosário Gregolin, *Revista da Anpoll*, v. 53, n. 2, p. 20-40, 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1777>. Acesso em: 20 set. 2022.

NEGRI, A. *Biocapitalismo*. Trad. Maria Paula G. Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2015.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

R7. OMS: 129 milhões de pessoas no mundo desenvolveram depressão ou ansiedade em um ano. 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/oms-129-milhoes-de-pessoas-no-mundo-desenvolveram-depressao-ou-ansiedade-em-um-ano-17062022>. Acesso em: 20 dez. 2022.



RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

RAMOS, P. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIBILIA, P.; GALINDO, M. A. Correndo para não perder nada: temporalidade ansiosa e a frustração do (i)limitado. *Civitas*, v. 21, n. 2, p. 203-213, maio-ago. 2021.

VARGAS, H. Música e humor na canção brasileira. In: SANTOS, R. E.; ROSETTI, R. (Orgs.). *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 175-193.

Recebido em: 21/01/2023

Aprovado em: 04/04/2023

Licenciado por

